

RESSURGIREMOS: O “IN-DITO” COMO PARTICIPAÇÃO NO REAL E RESISTÊNCIA POÉTICA

Roberta Lehmann¹
Luiz Rogério Camargo²

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo responder como a busca do indizível se faz por meio da palavra na obra de Sophia de Mello Breyner Andresen. A partir da análise dos poemas “Os Gregos”, do livro *Dual*, e “Ressurgiremos”, do *Livro Sexto*, procurando estabelecer uma relação entre eles, buscou-se compreender de que forma a poeta usa o “in-dito” como resistência poética. Além de entender qual a relação do indizível como real e o que Sophia entende como real. O trabalho está organizado em três partes sendo: Introdução, a Busca do Indizível e as Considerações Finais. A metodologia de pesquisa adotada consiste em revisão bibliográfica e documental. A fonte de coleta de dados utilizada como base teórica foram as “Artes Poéticas” da autora, entrevistas, artigos, livros e teses, e como instrumento e técnica este estudo exigiu a leitura de obras e o levantamento e revisão da fortuna crítica da autora. Os resultados obtidos demonstram que, para Sophia, o poema é um lugar de convocação, um meio de resistência poética, pois é através dele que ela nomeia as coisas e encontra a liberdade. Emergindo do visível e da visão, o indizível é dito na sua poesia, ela traduz o real encontrando a correspondência entre a palavra e o que vê. O poema é, portanto, um ato revolucionário. Para futuras pesquisas pode-se analisar de que maneira Andresen constrói sua ética a partir da busca pelo reconhecimento da consciência da própria existência e da liberdade.

Palavras-chave: Indizível. In-dito. Real. Resistência. Poesia.

¹ Aluna do 6º período do curso de Letras Português – Inglês da FAE Centro Universitário. Voluntária do Programa de Apoio à iniciação Científica (PAIC 2019-2020). *E-mail*: rogamborgi@yahoo.com.br

² Orientador da Pesquisa. Doutor em Estudos Literários pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professor do curso de Letras – Português/Inglês da FAE Centro Universitário. *E-mail*: luiz.camargo@fae.edu

INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende compreender de que maneira Sophia de Mello Breyner Andresen trabalha com a noção de “in-dito” em sua poesia. Para isso pretende-se definir o conceito de indizível para Andresen, investigar como o “in-dito” se torna dito e entender qual a relação da ideia de “in-dito” com a noção de real, conforme estabelecido.

Além de estudar de que maneira o indizível se relaciona com o fazer poético da autora. Sendo assim, serão analisados os poemas: “Ressurgiremos” do *Livro Sexto* e “Os Gregos” do *Dual*, com a pretensão de encontrar respostas para as questões:

Como a busca do indizível se faz por meio da palavra na obra de Sophia de Mello Breyner Andresen?

O que é o in-dito / indizível para Sophia de Mello Breyner Andresen?

Como e quando o in-dito se torna dito?

O que é o dito?

Qual a relação do in-dito com o real e como Sophia entende o real?

Como Andresen faz do indizível sua participação no real e resistência poética?

Para Andresen (2018, p. 900), “é difícil descrever o fazer de um poema”. A poesia é uma arte que exige a inteireza do ser, viva e atenta. A poesia é para ela a sua explicação com o universo, a sua participação no real, seu encontro com as vozes e as imagens (ANDRESEN, 2018, p. 895).

A partir da poesia, a poeta descobria a presença do real, perseguida através do poema, uma busca atenta e fiel a si mesma. Na *Arte Poética IV*, Andresen diz que “encontrou a poesia antes de saber que havia literatura” (ANDRESEN, 2018, p. 900), ou seja, para ela poesia e literatura são artes diferentes. O poema aparece feito, emerge dado (ou como se fosse dado) e para fazer versos, basta estar atento, pois o poeta é um escutador, surge a partir de um estímulo ao subconsciente, um subconsciente acumulado que de repente se projeta na consciência (ANDRESEN, 2018, p.900).

Quando criança ela imaginava que os poemas não eram escritos por ninguém, existiam em si mesmos, quem estivesse muito calado e com muita atenção os ouviria. Portanto, bastaria estar sensível ao ser e ao aparecer das coisas (ANDRESEN, 2018, p.900). Para ela, era difícil nomear aquilo que não se distingue, de modo que a poeta não sabia se o poema era feito por ela mesma ou feito nela por aquilo que nela se inscreve (ANDRESEN, 2018, p. 901).

Na *Arte Poética V*, a poeta diz que os poemas eram a respiração das coisas, o nome deste mundo dito por ele próprio, de sorte que não há poesia sem silêncio, sem

que se tenha criado o vazio e a despersonalização (ANDRESEN, 2018, p. 904). Através da poesia e da palavra, Andresen chega ao real, e reencontra o ser e estar primeiro das coisas que ela se refere no poema “Os Gregos”, objeto de análise deste estudo.

Na *Arte Poética II*, a poeta inicia dizendo que “a poesia não lhe pede uma especialização, pois é uma arte do ser, inteireza do ser, uma consciência mais funda da sua inteligência, uma fidelidade mais pura do que aquela que ela podia controlar” (ANDRESEN, 2018, p. 895). Andresen busca essa inteireza em um tempo de autoritarismo em que se vê revoltada, a poeta manteve uma atitude politicamente ativa durante a ditadura salazarista, “atenta como uma antena” (ANDRESEN, 2018, p. 895) e a partir dessa atenção nomeia as coisas, mas não de uma maneira puramente descritiva, e sim uma descrição do “Ser” das coisas, de uma realidade primeira, essencial.

Andresen nasceu em 1919 e faleceu em 2014, durante sua vida fez de sua obra um ato de resistência, escreveu sua primeira coletânea durante a Segunda Guerra Mundial, abrindo o primeiro volume com o breve poema que tem como primeiro verso: “Apesar das ruínas e da morte”, sua consciência crítica vigilante, nunca desviou das ruínas do mundo (FERRAZ, 2018, p. 19). Não é objeto deste estudo a vida da autora, mas é importante registrar o período em que viveu para que fique claro que só o fato dela ser mulher e poeta era em si um ato de resistência.

O desejo de ver aquilo que mesmo pressentido é invisível e a vontade de dizer o que é indizível faz com que a obra da autora realize uma transcendência através de metáforas, ou seja, transformando as palavras em imagens, revelando o despercebido ao visível com uma atenção refinada e presente ela consegue o que é necessário para dizer o in-dito. Como no poema “Revolução – Descobrimento”: “Revolução isto é: descobrimento / Mundo recomeçado a partir da praia pura / como poema a partir de uma página em branco” (ANDRESEN, 2018, p. 677).

Ou seja, aquilo que antes era invisível e como consequência indizível como a praia pura e virgem que foi descoberta, passa a ser conhecido quando revelado através das palavras. Nas palavras de Andresen (2018): “Há uma espécie de jogo com o desconhecido, o <<in-dito>>, a possibilidade” (ANDRESEN, 2018, p. 901). A relação entre palavras e coisas parece sempre insuficiente, cabe ao poeta se comunicar com o silêncio e dizer mais do que as palavras poderiam dizer.

A linguagem não tem o poder de dizer tudo, mas pode descobrir meios de revelar o desconhecido. Esse horizonte de invisibilidade e indizibilidade pode ser aproximado do visível e do dizível através das palavras em um poema que nomeia as coisas, que apresenta a descoberta do desconhecido, como por exemplo, no poema “Mundo nomeado ou descoberta das ilhas”: “E as coisas mergulhadas no sem-nome / Da sua

própria ausência regressadas / Uma por uma ao sem nome respondiam / Como sendo criadas” (ANDRESEN, 2018, p. 504).

Ou no poema “Landgrave ou Maria Helena Vieira da Silva”, no qual Andresen faz referência ao quadro Landgrave³, de 1966 da pintora Maria Helena Vieira da Silva como “lugar de convocação como um poema muito antigo” (ANDRESEN, 2018, p. 817). Andresen adota a tela como referência, mas pode estar abordando aspectos de toda a obra de Vieira da Silva.

Segundo Mari (1995), em seu ensaio sobre a relação entre linguagem e realidade, para que o indizível seja válido, precisamos destruir as condições de dizibilidade que o tornariam dizível (MARI, 1995, p. 18). Para que seja viável, o indizível precisa rejeitar as condições que tornam possíveis a construção lógica do mundo: a linguagem. Para Mari (1995) “não é possível aceitar hipóteses sobre o indizível” (MARI, 1995, p.18). Neste trabalho analisa-se o indizível sob a ótica da poesia enquanto arte que humaniza, sendo assim depende da relação entre leitor e obra e é um processo individual.

Não se tem neste estudo a pretensão de analisar todas as infinitas formas de linguagem, mas sim de tratar a poesia como fator indispensável de humanização, com papel formador da personalidade rejeitando as convenções, como instrumento que permite que os sentimentos passem do estado de mera emoção para o da forma construída. A pesquisa se justifica por delimitar os poemas a serem analisados e a partir deles compreender o que é o indizível para Andresen, como ela torna o “in-dito” dito e faz disso resistência poética.

Antonio Cândido, em *Direito a Literatura* (1995) argumenta que:

A arte não corrompe, nem edifica, mas trazendo livremente em si, o que chamamos de bem e o que chamamos de mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver. Ela é uma forma de conhecimento, inclusive de incorporação difusa e inconsciente. (...) (CANDIDO, 1995, p.4).

A organização da palavra comunica-se ao nosso espírito e o leva, primeiro, a se organizar, em seguida, a organizar o mundo (...) o conteúdo só atua por causa da forma, e a forma traz em si, uma capacidade de humanizar devido à coerência mental que pressupõe e que sugere (...) pressupõe a superação do caos (CANDIDO, 1995, p. 5).

Andresen argumenta na *Arte Poética III* que a obra de arte “faz parte do real e é destino, realização, salvação e vida” (ANDRESEN, 2018, p. 897). Ela diz que:

³ A tela Landgrave, de 1966 pode ser vista no Museu Calouste Gulbenkian em Lisboa. Disponível em: <https://gulbenkian.pt/museu/works_cam/landgrave-147114/>

O tempo em que vivemos é o tempo duma profunda tomada de consciência. (...) Não aceitamos a fatalidade do mal. (...) Há um desejo de rigor e de verdade que é intrínseco à íntima estrutura do poema e que não pode aceitar uma ordem falsa” (ANDRESEN, 2018, p. 898). Em “Poema”: “O meu interior é uma atenção voltada para fora / O meu viver escuta” (ANDRESEN, 2018, p. 579).

Partindo desde pressuposto, admite-se que a linguagem pode alcançar o indizível, mas o falante que a utiliza não tem esta capacidade de domínio total da linguagem, e por isso a importância da poesia, para continuar trazendo o indizível ao dizível. Pois é o poeta que escuta e está atento que coloca o indizível em palavras e faz dele uma possibilidade.

Para Augusto de Campos, o poeta deve continuar “dizendo o indizível”, pois a verdadeira função ética do poeta implica uma “recusa a se deixar transformar em objeto, a permitir que façam dele uma *juke box* de titulações sentimentais” (CAMPOS *apud* VELOSO, 2012, p. 42)

A poesia não é uma opinião ou interpretação da existência humana, é ela quem nos revela ou pode revelar através da palavra o indizível do mundo, ela nos devolve a nossa condição verdadeira de humanos. Ela é uma ponte para o outro lado da margem da linguagem e de nós, ela é capaz de dar uma existência, uma consciência, uma vida própria a visões e sensações (SILVA, 2018, p. 141).

A linguagem poética ilumina e nomeia o que, muitas vezes é indizível. Segundo Bosi (1977), “o poema, aproximando o sujeito do objeto, e o sujeito de si mesmo, exerce a alta função de suprir o intervalo que isola os seres. A poesia traz aquela realidade pela qual, ou contra qual, vale a pena lutar” (BOSI, 1977, p. 192). Andresen faz da sua poesia a sua relação com o real, uma busca constante pela “consciência que se vê” que é tratada em “Os Gregos”.

Para Poe (2011), “um poema só é um poema se conseguir nos afetar imensamente, elevando a alma; e fazendo emergir todas as emoções intensas que são, por uma necessidade psíquica, breves” (POE, 2011, p. 20). Andresen consegue fazer emergir as emoções intensas, como faz em “As cigarras”: “A luz persegue cada coisa até / ao mais extremo limite do visível / ouvem-se mais as cigarras do que o mar” (ANDRESEN, 2018, p. 436).

Chamar uma coisa por seu nome é fazê-la aparecer em sua própria distância e embora a poesia não consiga eliminar completamente a distância que separa a palavra das coisas, ela tem a possibilidade de exprimir o impronunciável, de fazer o invisível coincidir com as coisas. Todavia, esse mundo invisível é também indizível, pois não é completamente alcançável por meio da linguagem.

O poeta transforma o informal ou o inexpresso em estrutura organizada, que se põe acima do tempo e serve para cada um representar mentalmente as situações que tem em sua memória (CANDIDO, 1995, p. 6). As palavras servem de ponte para atravessar o não dito. Na *Arte Poética I*, Andresen conta a história da ânfora de barro que exemplifica a afirmação de Cândido:

Entro na loja dos barros. A mulher que vende é pequena e velha, vestida de preto. (...) Há duas espécies de barro: barro cor-de-rosa pálido e barro vermelho-escuro. Barro que desde tempos imemoriais os homens aprenderam a modelar numa medida humana. (...) Olho as ânforas de barro pálido poisadas em minha frente no chão. Talvez a arte desde tempo em que vivo me tenha ensinado a olhá-las melhor. Talvez a arte desde tempo tenha sido uma arte de ascese que serviu para limpar o olhar. A beleza da ânfora de barro pálido é tão evidente, tão certa que não pode ser descrita. (...) Não falo de uma beleza estética, mas sim de uma beleza poética (ANDRESEN, 2018, p. 893).

Andresen transforma a ânfora de barro em uma estrutura organizada e ao mesmo tempo se põe acima do tempo, pois apresenta a beleza poética do objeto. Essa beleza que é muitas vezes invisível aqueles que não são poetas. Segundo Barbosa, a escrita poética não visa um objeto específico, mas:

Ela se abre sobre a abertura sem fundo do Ser, sobre um vazio que contém qualquer coisa, e procura dizer através de figuras, um infigurável. A referência poética é vazia de conteúdo. Se não visasse o impossível, a presença do ausente, o poema, assim privado de sua transcendência, não poderia se tornar presente enquanto tal, e seria rebaixado a categoria de puro e simples objeto (BARBOSA, 2019, p. 3).

Ou seja, a ânfora de barro, por exemplo, pode ser um simples objeto para uma pessoa comum, mas para a poeta ela se torna uma possibilidade de transcendência e de revelação do indizível, do próprio ser do objeto.

1 A BUSCA DO INDIZÍVEL

A busca do indizível é a busca pela visão subjetiva de mundo a partir do poema. Segundo Barbosa (2019), “a poesia promove a redefinição do referente, pois o mundo é visto por um sujeito mostrando que a objetividade é uma ficção, enquanto o imaginário é um instrumento de conhecimento do real” (BARBOSA, 2019, p. 2). Sendo assim, o referente poético inclui em si todos os aspectos invisíveis do objeto.

A arte existe para trazer ao dizível aquilo que é indizível. Para Andresen, a poesia é a realidade das coisas, ela existe mesmo onde ninguém vê e onde ninguém a conhece,

de modo que, para a autora, todo real é poético. É, portanto, a partir da palavra poética que é possível um retorno a essência das coisas, uma explicação com o universo e a busca da totalidade.

A poeta busca um encontro total com as coisas, escreve poesia para não se afogar no caos, a que ela se refere como:

O caos de certa maneira revitaliza o cosmos, é uma fonte de energia. Há uma dialética caos-cosmos em toda a obra de arte. (...) Pode-se dizer que escrevemos poesia para não nos afogarmos no caos (...) se escreve a partir do caos... e se tenta emergir, até pelo nomear das coisas. Há sempre uma sensação de perdição que nos leva a escrever, até para ver onde estamos para compreender onde estamos (...). O poema é arrancado do caos, e traz ainda a sua ressonância, os seus ecos (ANDRESEN, 1982, p. 4).

Bosi explicando o caos na poesia, afirma que:

A poesia resiste à falsa ordem, que é, a rigor, barbárie e caos. Resiste ao contínuo harmonioso pelo descontínuo gritante; resiste ao descontínuo gritante pelo contínuo harmonioso. Resiste aferrando-se à memória vida do passado; e resiste imaginando uma nova ordem que se recorta no horizonte da utopia (BOSI, 1977, p. 137).

Andresen a partir da poesia resiste à falsa ordem da realidade, quer desfazendo o sentido do presente em nome de uma libertação futura quer refazendo zonas sagradas. Em “Os Gregos”, a poeta escreve:

Aos deuses supúnhamos uma existência cintilante
Consustancial ao mar à nuvem ao arvoredado à luz
Neles o longo friso branco das espumas o tremular da vaga
A verdura sussurrada e secreta do bosque o oiro erecto do trigo
O meandro do rio o fogo solene da montanha
E a grande abóbada do ar sonoro e leve e livre
Emergiam em consciência que se vê
Sem que se perdesse o um-boda-e-festa do primeiro dia –
Esta existência desejávamos para nós próprios homens
Por isso repetíamos os gestos rituais que restabelecem
O estar-ser-inteiro inicial das coisas –
Isto nos tornou atentos a todas as formas que a luz do sol conhece
E também à treva interior por que somos habitados
E dentro da qual navega indicível o brilho
(*Dual*, 2018, p.639)

No início é o caos, tudo está inteiro, nada corrompido e os deuses são claros e luminosos: “existência cintilante”. Os homens desejavam a existência dos deuses, e por isso repetiam os gestos rituais, para continuar buscando, mesmo conscientes de que não são e não serão deuses. Para Andresen:

A Grécia tem uma forte consciência do caos, quer dizer, o caos é um princípio de tudo. O grego não tem a noção de pecado, mas tem consciência que o crime vem estragar a ordem. O caos está latente, pode sempre soltar-se a qualquer momento (ANDRESEN, 1989, p.12).

Na visão da poeta, os gregos restabeleciam através de “gestos rituais” a inteireza das coisas, de modo que, para os homens, existe a possibilidade de alcançar o “indicível brilho”, porém, é preciso reconhecer a “treva interior” e estar atento, pois somente a partir deste reconhecimento que o homem tem a possibilidade de uma liberação futura.

O caminho para o indizível é buscar o estado inicial, a inteireza das coisas, buscar a dimensão dos deuses, ultrapassar os obstáculos para chegar à plenitude. Na totalidade das coisas, no absoluto, além da treva interior. Sobre a “treva interior por que somos habitados” (ANDRESEN, 2018, p. 639), Tavares afirma:

A presença a si e a consciência de ser a que chamou imanência abrem-se agora a uma forma de atenção em que, mais acentuadamente, a <<claridade>> surge entrelaçada em treva, porque a beleza e o desejo é ameaça: Isto nos tornou atentos a todas as formas que a luz do sol conhece / E também à treva interior por que somos habitados / E dentro da qual navega indicível o brilho (TAVARES *apud* ANDRESEN, 2018, p. 43).

Outro ponto relevante para Andresen é a “consciência que se vê” que é o estado meditativo que contempla aquele que é o observador de si mesmo, que não perde nada, um nada que também é tudo, pois além da dualidade está o absoluto, que é visível aos deuses e aos humanos atentos. Nas palavras da poeta: “o meu interior é uma atenção voltada para fora / o meu viver escuta / (...) Não trago Deus em mim, mas no mundo o procuro / Sabendo que o real o mostrará” (ANDRESEN, 2018, p. 579).

“Os Gregos” está no livro *Dual*, e a dualidade, na obra, está diretamente ligada a noções como os contrários entre luz e sombra: “Falamos junto à luz. Lá fora a noite / Imóvel brilha sobre o mar parado. / À sombra das palavras o teu rosto” (ANDRESEN, 2018, p. 606), deuses e humanos: “esse humano foi como um deus grego” (ANDRESEN, 2018, p. 594), amor e ódio: “medida amor e fúria se combinam” (ANDRESEN, 2018, p. 593).

Para Eduardo Lourenço (2018) essa contradição é “apenas aparente, pois a luminosa Sophia não ignora a sombra e o luto do coração da vida” (LOURENÇO *apud* FERRAZ, 2018, p. 34).

A polaridade mista de assombro e pânico em que para a poeta profere o deslumbramento a acompanhará sempre, entre um lado sombrio do mundo, a presença da degradação e da morte, e a luminosidade que acompanha as coisas, apesar, ou devido, ao seu caráter mortal (TAVARES *apud* ANDRESEN, 2018, p. 12)

Essa luminosidade que a poeta mostra quando diz o indizível, que é aquilo que está além, ou antes da dualidade, que pode também ser chamado de absoluto. Uma consciência desejada pelos homens e permitida aos deuses, pois “Aos deuses supúnhamos uma existência cintilante” (ANDRESEN, 2018, p. 639). Para Tavares, entre a luminosidade e o assombro, e entretecida deles, está a consciência de um desastre que acompanha sempre a vida (TAVARES *apud* ANDRESEN, 2018, p. 13).

Para Eduardo Prado Coelho (1986), “o espaço é fundamental para determinar condições de escrita” (COELHO, 1986, p. 61). Para Andresen (1986), é mais que isso: “é preciso vazio e isto é fundamental a todo escritor. E ao lado desse vazio exterior é necessário um vazio interior. O espaço torna o mundo mais visível e mais habitável” (ANDRESEN, 1986, p. 61).

É importante destacar que o espaço em “Os Gregos” é a Grécia apresentando referência clara à antiguidade grega e aos deuses gregos, aos quais Andresen era ligada. Para Tavares, a referência ao mundo grego evidencia uma transformação radical no modo de abordar os motivos mais constantes de Andresen, e o poema “Os Gregos” aparece como uma espécie de pórtico do que, a partir de então, procurará na Grécia, e que sintetiza no verso “o um-boda-e-festa do primeiro dia” (TAVARES *apud* ANDRESEN, 2018, p. 43).

Outro poema que tem como espaço a Grécia é o poema que será analisado a seguir, “Ressurgiremos”, no qual se tem um retorno ao dia inicial restaurando a relação entre objetos e palavras o que leva o leitor a escutar o silêncio com o objetivo de tentar ouvir o nome das coisas por elas próprias enunciado:

Ressurgiremos ainda sob os muros de Cnossos
E em Delphos centro do mundo
Ressurgiremos ainda na dura luz de Creta

Ressurgiremos ali onde as palavras
São o nome das coisas
E onde são claros e vivos os contornos
Na aguda luz de Creta

Ressurgiremos ali onde pedra estrela e tempo
São o reino do homem
Ressurgiremos para olhar para a terra de frente
Na luz limpa de Creta

Pois convém tornar claro o coração do homem
E erguer a negra exactidão da cruz
Na luz branca de Creta
(*Livro sexto*, 2018, p. 451)

Publicado no *Livro sexto* em 1962, “Ressurgiremos” representa a plenitude do visível e introduz uma nítida vocação testemunhal, intersubjetiva e interventiva, surge à voz indignada contra a separação que fragmenta a unidade do sentido das coisas e do tempo humano.

Andresen constrói o poema a partir das imagens da Grécia antiga, Cnossos, Delphos e Creta, evidenciando sua ligação com os gregos e o ideal de justiça. Para ela:

O poeta é levado a buscar a justiça pela própria natureza da sua poesia. E a busca da justiça é desde sempre uma coordenada fundamental de toda a obra poética. No teatro grego o tema da justiça é a própria respiração das palavras (ANDRESEN, 2018, p. 987).

O uso do tempo verbal no futuro mostra o desejo de recomeço e de revolução, o plural “nós” tem o sentido de ressurgir coletivamente nesse novo tempo, sendo assim, como a poeta diz: “A busca de recomeço é um ato de confiança. A palavra <<revolução>>, por exemplo, tem o prefixo re, que significa outra vez” (ANDRESEN, 1989, p. 54).

O prefixo re anuncia uma religação, sugerida pela luminosidade solar como símbolo da reunificação do homem com as coisas. A repetição de termos em sua obra como renascer, ressurgir, religação, reencontro, rebrilhar conduzem a um desejo obstinado da poeta para instaurar a aliança entre o ser e o mundo (PAGOTO, 2018, p. 163).

A “dura luz de Creta”, “aguda luz de Creta”, “luz limpa de Creta” e “luz branca de Creta” revelam a essência do real, com toda luminosidade presente entre a palavra e as coisas, apresenta a busca de Andresen pelo indizível e pela inteireza das coisas. Essa busca é através da consciência, da atenção, da sensibilidade que a poeta possui para dizer o que é indizível. Para ela o “in-dito” é o que perdemos quando não estamos presentes e atentos e não encontramos o sentido da existência humana.

Andresen se referia a Grécia como:

Um ponto de partida a que justamente é preciso regressar porque então o homem tentou partir da imanência, partir do seu estar na terra: estou na terra, sou mortal, mas vou viver a minha mortalidade com o máximo de verdade, o máximo de transparência (ANDRESEN, 1989, p. 4).

A adjectivação para a luz, “dura”, “aguda”, “limpa” e “branca” apresenta uma espécie de caminho em que o sujeito inicia com um encontro violento com a luz que é dura e aguda, como se causasse um distanciamento, até o verso “Ressurgiremos para olhar de frente” (ANDRESEN, 2018, p. 451) em que o sujeito enfrenta a luz com suavidade, ela então é limpa e branca.

“Ressurgiremos”, citado cinco vezes no poema, é uma repetição que Zenith(2018) justifica como:

Uma referência à ressurreição cristã, mas uma ressurreição que terá lugar não em Jerusalém ou em Roma, mas sim nas vizinhanças de Cnossos, ou então em Delphos, tido pelos gregos como o *omphalos* (umbigo ou centro do mundo). Sendo assim, o poema promove o sincretismo entre teologia cristã e o paganismo. Creta reveste-se de lugar central, tal como em um ritual religioso, de onde se instala a integridade primordial. Creta, Cnossos são símbolos recordados que instauram uma positividade (ZENITH *apud* PAGOTO, 2018, p. 164).

Andresen mostrava uma consciência intensa de que o caos é imanente ao próprio trabalho poético e a própria forma artística, quando se refere aquilo que chama de uma relação justa com o real, diz que é muito difícil separar ética e poética, ambas são a busca de uma relação justa com o real e o real é aquilo que emerge e se manifesta (ANDRESEN, 1982, p.2)

Tornar o real visível a partir do fazer poético que é uma forma de comunicação rica, densa e eficaz. Andresen crê no poder divino e encantador da palavra, nomeia para tornar as coisas visíveis. No poema, a palavra “reino” faz referência a um lugar que seria místico e que revela a correspondência entre a palavra e as coisas. Aparece associada à Delphos, lugar sagrado e pleno onde é possível que homem e natureza vivam em harmonia.

A representação do poema corresponde a ser um com o universo. Andresen procura, sobretudo o que traz felicidade, o que cria uma liberação íntima. E a partir dessa busca cria a relação entre o homem e a coisa que ele diz, e revela ao leitor o “índito” através da palavra poética.

A poesia era para Andresen um projeto de vida, uma busca, uma tentativa de encontrar uma relação verdadeira, de inteira verdade e transparência com a vida: a salvação. A palavra é o fundamento de toda a vida intelectual do homem, a poesia a verdadeira aprendizagem da palavra.

Ela explica a busca pelo visível e pelo dizível no poema em prosa “Landgrave ou Maria Helena Vieira da Silva”, publicado no livro *Ilhas* em 1988, que faz menção a tela Landgrave de 1966, da pintora, e considera o quadro um lugar, palavra repetida quatro vezes e que pode ser lido como metáfora do indizível:

Lugar de convocação como um poema muito antigo.

Lugar de aparição.(...)

Um rebrilhar de teatro (...)

É um lugar onde tudo está atento, denso de memória e de veemência. Lugar de revelação, de espanto e cismar e descobrimento.

(ANDRESEN, 2018, p. 817).

Neste poema, Andresen enfatiza o fato de que o mundo visado pela arte não pode ser encarado sob o modo da objetividade e da identidade, pois do visível emerge o invisível, que causa espanto aos olhos do sujeito e desvela a obscuridade do Ser, oculta sob a aparência (BARBOSA, 2019, p. 4).

Quando a poeta diz o indizível, aspira a um desejo de transformação existencial, de encontro com o plano do sagrado e do inefável, deseja transcender os limites do tempo e do espaço, ela faz por meio de mitos, símbolos e imagens a revelação de um mistério (PAGOTO, 2018, p. 57). Em “Ressurgiremos”, Andresen apresenta a possibilidade de restabelecer essa aliança com o sagrado, se coloca em posição de escuta diante do silêncio a fim de tentar ressurgir “ali onde as palavras são o nome das coisas” (ANDRESEN, 2018, p.451).

2 METODOLOGIA

Trata-se de pesquisa exploratória, pois se pretende investigar de que maneira Sophia de Mello Breyner Andresen trabalha com a noção de “in-dito” em sua poesia. A metodologia de pesquisa adotada neste trabalho consiste em revisão bibliográfica e documental a partir da leitura das obras “Ressurgiremos” do *Livro Sexto* e “Os Gregos” do *Dual*, procurando analisá-las conforme a relação que estabelecem entre si. A fonte de coleta de dados utilizada foi livros, artigos, teses e entrevistas, e como instrumento e técnica este estudo exige a leitura crítica de obras juntamente com o levantamento e revisão da fortuna crítica de Sophia de Mello Breyner Andresen.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A busca do indizível se faz por meio da palavra na obra de Sophia de Mello Breyner Andresen, pois ela encontra a correspondência entre a palavra e as coisas. A poesia salva e desperta para o real de maneira concreta. Através da construção de imagens por meio das palavras poéticas, a poeta apresenta ao leitor imagens imemoriais, míticas e simbólicas que tornam o “in-dito” dito.

O uso de símbolos como Creta e Cnossos fazem com que o poema remeta o leitor a uma natureza sensível e se conecte não apenas cognitivamente, mas subjetivamente, faz aparecer um sentido secreto, conforme citado na análise do poema “Ressurgiremos” essas palavras remetem a um sentido de positividade, ou seja, o símbolo é parte visível e dizível e parte invisível e indizível.

Não reconhecer o indizível como uma verdade necessária, é uma opção de pesquisar pelo caminho mais fácil, que não aceita a infinitude sem experienciá-la, pois a cada nova relação descoberta entre linguagem e realidade, ou palavra e coisa, outra nova indizível realidade surge, ou seja, quando mais luz se coloca diante da sombra, mais sombra enxergamos.

Para Andresen, portanto o in-dito / indizível é a possibilidade de revelar e descobrir algo que não estava aparente, “como poema a partir de uma página em branco” (ANDRESEN, 2018, p. 677). A poeta cria a união entre as palavras e as coisas através de símbolos e metáforas, a partir de sua atenção e do seu olhar, ela transforma cada objeto em poesia.

O in-dito se torna dito quando a palavra poética cria um mundo novo, traduz o real por meio da palavra. Para Andresen o real é capacidade que a poesia tem de nomear as coisas indizíveis. A poeta traça um círculo infinito do real em torno do prefixo “re”, presente em trechos de sua obra, como por exemplo, nas palavras: ressurgir, rebrilhar, revelação, representação, reconhecimento, restabelecer, revolução, recomeço, regressar, o que para ela significa outra vez.

Andresen transforma cada recomeço em poema, como por exemplo, em “Coral”: Ia e vinha/ E a cada coisa perguntava/ Que nome tinha” (ANDRESEN, 2018, p. 259), estabelecendo uma relação de encontro e descoberta a cada novo olhar, tornando dito o in-dito a cada descoberta.

A relação do in-dito com o real, para Andresen, portanto, é definido como uma poetização do “estar-ser-inteiro inicial das coisas” (ANDRESEN, 2018, p.677), entende o imaginário como essência do próprio real. Vai além da representação histórica das coisas, une o sensível, o sentimento e o pensamento com a visão e atenção plena e presente, a “consciência que se vê” de Sophia de Mello Breyner Andresen.

Podemos dizer que Andresen conquistou sua participação no real através de sua poesia. Fez de seus poemas uma forma de resistência existindo a partir da consciência da própria existência. A sua busca pela consciência que se vê fez com que sua poesia fosse uma forma de resistência para que os leitores possam surgir quantas vezes for necessário até que ali “onde as palavras são o nome das coisas” encontrem a liberdade.

A poesia de Andresen faz mais do que dizer o indizível, ela mostra um sentido para a existência humana, ela vai além da dualidade, transcende através da palavra poética e revela uma relação justa com o real, que contém em si o caos e a ordem. A poesia encontra a liberdade, pois ela promove a união entre o ser humano e os deuses por meio das coisas. Coisas que são reveladas quando encontram a correspondência entre o que se vê e a palavra.

Para trabalhos futuros pode-se pesquisar de que maneira Andresen constrói sua ética individual a partir da busca pelo reconhecimento da própria existência e liberdade.

REFERÊNCIAS

ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. **Coral e outros poemas**: seleção e apresentação de Eucanaã Ferraz. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

_____. Dez minutos com Sophia de Mello Breyner Andresen. [Entrevista]. **A Capital**: Literatura e Arte, 28 fev. 1968.

_____. **Obra poética**. Rio de Janeiro: Tinta-da-China Brasil, 2018.

_____. Os poemas de Sophia. [Entrevista concedida a] António Guerreiro. **O Expresso**, 15 jul. 1989.

_____. Poesia é criação cotidiana da liberdade. [Entrevista concedida a] Walmir Ayala. **Nome do periódico**, Rio de Janeiro, 1978.

_____. Sophia: a luz dos versos. [Entrevista concedida a] José Carlos de Vasconcelos. **Jornal de Letras**, 25 jun. 1991.

_____. Sophia de Mello Breyner Andresen: “Escrevemos poesia para não nos afogarmos no cais. [Entrevista concedida a] Armanda Passos. **Jornal de Letras**, 16 fev. 1982].

_____. Sophia de Mello Breyner Andresen fala a Eduardo Prado Coelho. [Entrevista concedida a] Eduardo Prado Coelho. **Revista Icalp**, ago. 1986.

_____. Sophia de Mello Breyner termina o livro de poesia “estilo manuelino”. [Entrevista concedida a] Luís Figueiredo Tomé. **DN Cultura**, 20 dez. 1987.

BARBOSA, Márcia Helena S. A poesia e o sagrado em Sophia de Mello Breyner Andresen e Cecília Meireles. **Letras de Hoje**, Passo Fundo, v. 54, n. 1, p. 74-84, jan./mar. 2019. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/33827/18002>>. Acesso em: 11 set. 2019.

BOECHAT, Virgínia Bazzetti. A paisagem “de quadrado em quadrado”: a pintura de Vieira de Silva na poesia de Sophia Andresen. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC, 11., 2008, São Paulo. **Anais...** São Paulo: USP, 2008. Disponível em: <http://www.abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/039/VIRGINIA_BOECHAT.pdf>. Acesso em: 01 mar. 2020.

BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo na poesia**. São Paulo: Cultrix, Universidade de São Paulo, 1977. Disponível em: <<http://files.letraslusitanas.webnode.com/200000136-f0e1cf1d96/BOSI,%20A.%20-%20O%20ser%20e%20o%20tempo%20da%20poesia.pdf>>. Acesso em: 11 set. 2019.

CANDIDO, Antonio. **O direito a literatura**. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

MALHEIRO, Helena. Do caos ao cosmos: a recriação dos mitos em Sophia de Mello Breyner Andresen. **Revisitar o Mito**, Lisboa, p. 307-316, 2015. Disponível em: <<https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/6328/3/Reposit%c3%b3rio%20aberto%20Coloquio%20Mito%20Helena%20Malheiro.pdf>>. Acesso em: 11 set. 2019.

MARI, Hugo. Da relação entre linguagem e realidade: aporias sobre o indizível. **Boletim CESP**, São Paulo, v. 15, n. 19, jan./dez. 1995.

PAGOTO, Cristian. **O imaginário noturno e solar na poesia de Sophia de Mello Breyner Andresen**. Curitiba: UFPR, 2018. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/55668/R%20-%20T%20-%20CRISTIAN%20PAGOTO.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 11 set. 2019.

SILVA, Gabriela. **O devir político da palavra**: Livro Sexto de Sophia de Mello Breyner Andresen. 2018. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/332385375_O_devir_politico_da_palavra_poetica_Livro_sexto_de_Sophia_de_Mello_Breyner_Andresen>. Acesso em: 11 set. 2019.

VELOSO, Caetano. **Antropofagia**. São Paulo: Penguin, 2012.